

# Boa Nova para cada dia / outubro 2018

Gonçalo Miller Guerra, s.j. (Semanas)

Marco Cunha, s.j. (Domingos)

**Tempo Comum** – S. Lucas, Evangelista

## **Seg, 1** – SANTA TERESA DO MENINO JESUS (Memória)

Job 1, 6-22 / Slm 16 (17), 1-3.6-7 / Lc 9, 46-50

«Mas Jesus, que lhes conhecia os sentimentos íntimos...». (Evang.)

O leitor descontraia-se e ponha-se em posição de oração. Imagine Jesus a olhar para dentro de si, a «conhecer os seus pensamentos íntimos», os seus sentimentos. O que é que isso provoca no leitor? Paz, alegria, ansiedade, temor, força, inquietação (etc.)? Não pense como é que devia ser o olhar de Jesus, ou o que é que Ele devia encontrar. Veja só o que é que Ele encontra. E entregue-o a Jesus, para que Ele o acolha. Eventualmente, transforme...

## **Ter, 2** – SANTOS ANJOS DA GUARDA (Memória)

Ex 23, 20-23a / Slm 90 (91), 1-6.10-11 / Mt 18, 1-5.10 (Santoral)

(...) *Nem a desgraça se aproximará da tua morada. (Salmo)*

Isto é uma visão do Antigo Testamento, mas nós experimentamos diferentemente. Quantas pessoas não há desesperadas no mundo. Pessoas torturadas, presas, pessoas com doenças, pessoas sós, pessoas com doenças mentais e outras situações. Em relação a algumas, podemos ser uma ajuda. As que vivem ao nosso lado, as que são nossas amigas ou conhecidas, que podem não estar desesperadas, mas podem precisar de atenção. Mas hoje vamos rezar pelas pessoas desesperadas, para que encontrem alguém que as console.

## **Qua, 3** – SEMANA XXVI DO TEMPO COMUM

Job 9, 1-12.14-16 / Slm 87 (88), 10-15 / Lc 9, 57-62

«Seguir-Te-ei para onde quer que fores». (Evang.)

Estamos habituados a pensar que é Jesus que nos acompanha. Mas nós também Lhe podíamos perguntar onde é que Ele quer que nós O acompanhemos, quer dizer, onde é que Ele quer que nós vamos. Muitas vezes, sabemos bem onde é que havemos de ir. Mas também muitas vezes isso não tem nada a ver com Deus. E Deus pode ter sítios onde queira que nós vamos. O leitor pergunte a Deus.

#### **Qui, 4 – S. FRANCISCO DE ASSIS (Memória)**

Job 19, 21-27 / Slm 26 (27), 7-9.13-14 / Lc 10, 1-12

«... enviou-os dois a dois à sua frente...». (Evang.)

Nós também andamos dois a dois – Deus e nós – e também estamos à frente da vinda final de Jesus. O nosso trabalho é a construção do Reino. O leitor tem consciência de que está a construir o Reino? O leitor deixa-se inspirar pelo Espírito Santo? Faz coisas pelo Reino? Muito provavelmente faz. Também muito provavelmente não faz tudo o que poderia. Hoje veja mais uma coisinha que poderia fazer.

#### **Sex, 5 – SEMANA XXVI DO TEMPO COMUM / 1ª SEXTA-FEIRA**

Job 38, 1.12-21; 40, 3-5 / Slm 138 (139), 1-3.7-10.13-14 / Lc 10, 13-16

«Quem Me rejeita, rejeita Aquele que Me enviou». (Evang.)

Hoje vamos fazer um exercício espiritual que já temos feito mais vezes: o leitor vai rezar a uma das Pessoas da Santíssima Trindade a quem não costuma rezar regularmente. Ou talvez o leitor reze a «Deus». Então, o leitor concentre-se numa das três Pessoas. Pode ser que seja uma descoberta para o leitor. Pode ser que o leitor encontre características novas de Deus durante a sua oração. Ora experimente.

#### **Sáb, 6 – SEMANA XXVI DO TEMPO COMUM / 1º SÁBADO**

Job 42, 1-3.5-6.12-16 / Slm 118 (119), 66.71.75.91.125.130 / Lc 10, 17-24

«Senhor, até os demónios nos obedeciam em teu nome». (Evang.)

Nós temos um demónio dentro de nós – não é um demónio, é uma parte de nós – que temos muita dificuldade em domar. É aquela parte que, quando estamos em dieta, fica toda excitada com uma iguaria, aquela parte que diz: «é só desta vez». Temos de nos esforçar, arranjar estratégias e rezar para que essa parte de nós não prevaleça sobre a outra. Hoje, a frio, o leitor faça isso.

## **Dom, 7 – DOMINGO XXVII DO TEMPO COMUM – Ano B**

Gen 2, 18-24 / Slm 127 (128), 1-6 / Hebr 2, 9-11 / Mc 10, 2-16

No capítulo décimo do Evangelho de S. Marcos aparece uma sequência de três pares de personagens em tensão muito interessante: em primeiro lugar, «homem»-«mulher», depois, «grandes»-«pequenos» e, em seguida, «rico» e «pobre». Em todas estas situações, Jesus inverte a lógica vigente: não aceita o domínio do homem sobre a mulher, não aceita que o «grande» domine sobre o «pequeno» nem que o «rico» domine o «pobre». Assim, aproximam-se de Jesus uns fariseus para O «experimentar». S. Marcos é muito claro: os fariseus não estão ali para escutar o Senhor, mas para O «experimentar», isto é, para Lhe armarem uma cilada.

Uma coisa podemos concluir imediatamente: se estão ali para O experimentar, é óbvio

que aquilo que Jesus lhes disser não lhes vai servir de nada, porque não estão com o coração livre para escutar. Se a atitude não é verdadeira, nunca poderão de facto compreender e aceitar aquilo que Jesus lhes quer transmitir. Sem um encontro real e verdadeiro com o Senhor não se pode compreender a sua Vida (que é a sua mensagem). O conhecimento verdadeiro, o conhecimento do Amor só se dá no *encontro*, que precisa do Amor para ser verdadeiro.

Ora, estes fariseus não têm interesse nenhum em conhecer Jesus: eles querem simplesmente armar-Lhe uma cilada. Ele explica a passagem do livro do Deuterónimo que eles citam para justificar que o marido possa repudiar a mulher, mostrando-lhes que o modo como interpretam aquela pas-

sagem não é a maneira como Deus quer a relação homem-mulher. Quando os fariseus dizem que se pode «repudiar» a mulher, Jesus rapidamente lhes responde que é por causa da *«dureza do vosso coração»*.

Este é um ponto muito importante: tantas vezes nos perdemos em discussões que não valem a pena precisamente porque não estamos *a discutir o ponto que realmente importa: aqui, a questão não é só a relação homem-mulher; aqui, está em questão a «dureza dos vossos corações»*. Se a dureza do coração do homem é tal que este põe fora de casa a sua mulher, impedindo-a de se reerguer e de ter uma família, então, se há homens com um coração assim tão duro, é importante que Moisés defenda estas mulheres e peça que *pelo menos* se lhes passe um documento de repúdio. *Isto é por causa da dureza do coração*.

Mas podemos ir mais longe: já os profetas anunciavam que temos um coração duro, que precisamos de um coração novo. Dirá S. Paulo que é

preciso que em nós morra o «homem velho» para que nasça o «homem novo». Um coração duro, aquele do «homem velho», não é capaz de amar e por isso fica inflexivelmente amarrado às leis do «isto pode-se» ou «isto não se pode». Os fariseus discutem a lei, Cristo quer falar do Amor. Ele quer que bebamos da visão original e integral de Deus que nos cria *homem e mulher*. O pecado é aquilo que nos impede de viver por amor; é aquilo que nos amarra a uma lei dura que bloqueia a vitalidade do amor.

Deus cria a mulher como uma «ajuda», mas não é uma mera ajuda funcional: é uma «ajuda» ontológica, ao nível do «ser». Noutras palavras: só existe o «Homem» na união homem-mulher e só na diferença entre homem e mulher podemos realizar a verdade à qual somos todos chamados, que é a verdade do Amor. O amor existe só na diferença e é a diferença, a diversidade, que faz sobressair a nossa própria verdade, que é o Amor.

## **Seg, 8 – SEMANA XXVII DO TEMPO COMUM**

Gal 1, 6-12 / Slm 110 (111), 1-2.4-5.7-9.10 / Lc 10, 25-37

«E quem é o meu próximo?» (Evang.)

O próximo do leitor é quem precisa do leitor. E o leitor tem de rezar para ver quem precisa e para ter um coração de carne para fazer alguma coisa. Às vezes está ali mesmo ao pé e nós estamos envolvidos com belos projetos na paróquia e não temos tempo. Os projetos na paróquia (ou quaisquer outros) são ótimos, mas não nos devem distrair da pessoa mesmo ali ao nosso lado. Hoje, o leitor veja se não há uma pessoa mesmo ao seu lado que precise de si.

## **Ter, 9 – SEMANA XXVII DO TEMPO COMUM**

Gal 1, 13-24 / Slm 138 (139), 1-3.13-15 / Lc 10, 38-42

«... uma só [coisa] é necessária». (Evang.)

Uns amigos meus diziam-me que cada vez têm menos tempo. Suponho que as pessoas vão fazendo coisas até ao limite do seu tempo. Outras são muito caseiras e passam muito tempo com elas próprias. Nos dois casos, ou arranjam tempo para rezar ou, espontaneamente, não o encontram. A oração não é necessária apenas porque, sem ela, a vida corre bem ou mal. Arranjar tempo para rezar é difícil, mas o que é muito fácil não tem grande piada.

## **Qua, 10 – SEMANA XXVII DO TEMPO COMUM**

Gal 2, 1-2.7-14 / Slm 116 (117), 1-2 / Lc 11, 1-4

«... venha o vosso reino». (Evang.)

Nestes comentários, eu tenho posto o acento na construção do Reino, mas nesta oração Jesus reza pela vinda do Reino e não por uma construção de baixo para cima. Eu penso que as duas ideias não são antagónicas: o Reino virá pela ação de Deus em si mesma e pela ação de Deus em nós. A plenitude do Reino virá no fim dos tempos, mas o Reino também está a ser construído com os nossos contributos. Rezemos só esta parte do Pai-Nosso: «venha a nós o vosso Reino».

## **Qui, 11 – SEMANA XXVII DO TEMPO COMUM**

Gal 3, 1-5 / Lc 1, 69-75 / Lc 11, 5-13

«... quanto mais o Pai do Céu dará o Espírito Santo àqueles que Lho pedem!» (Evang.)

Eu acho que o Espírito Santo, a par com as outras pessoas da Santíssima Trindade – Jesus Cristo e Ele mesmo – é o que de melhor o Pai tem para nos dar. Mas, atenção, temos de o pedir. O leitor pede o Espírito Santo? E depois é perseverante? Vai rezando ao Espírito Santo? Por exemplo, para a execução das suas tarefas do dia a dia pede o Espírito Santo? Normalmente, executamos as tarefas do dia a dia de forma espontânea. O leitor podia invocar o Espírito Santo...

## **Sex, 12 – SEMANA XXVII DO TEMPO COMUM**

Gal 3, 7-14 / Slm 110 (111), 1-6 / Lc 11, 15-26

*«Todo o reino dividido contra si mesmo acaba em ruínas». (Evang.)*

Há falhas que nos dividem muito. O alcoolismo, a droga, o vício dos jogos na internet são doenças mentais. Depois há as coisas que não sei se são doenças mentais, que é a pessoa quase nunca se manter magra depois de uma dieta. Depois ainda há tudo aquilo que devíamos fazer e não fazemos. Tudo isto são batalhas dentro de nós. E como é que isto se vence? Rezando? Jesus não nos faz vencer as batalhas. Mas devemos rezar ao Espírito Santo para encontrarmos estratégias.

## **Sáb, 13 – SEMANA XXVII DO TEMPO COMUM**

Gal 3, 22-29 / Slm 104 (105), 2-7 / Lc 11, 27-28

*«Mais felizes são os que ouvem a palavra de Deus e a põem em prática». (Evang.)*

Pôr a palavra de Deus em prática é mesmo uma felicidade, porque a vontade de Deus é o melhor para nós. É vontade de Deus que a leitora tenha uma família que ama e um emprego de que gosta. E é isso que a leitora tem de pôr em prática. Não é vontade de Deus que esteja divorciada e tenha um emprego que detesta. Isso é uma prática que caiu fora da vontade de Deus, se bem que Deus a permita. O leitor reze para que a vontade de Deus a seu respeito aconteça.

## Dom, 14 - DOMINGO XXVIII DO TEMPO COMUM - Ano B

Sab 7, 7-11 / Slm 89 (90), 12-17 / Hebr 4, 12-13 / Mc 10, 17-30

O Evangelho deste domingo está em continuação com a passagem que rezamos no domingo passado. Coloca-se então a questão fundamental: *afinal, quem é que se pode salvar?* A resposta é lapidar e inequívoca: *ninguém!* Ninguém se pode salvar! Não é possível, só pelas nossas forças e só com os nossos méritos, entrar no reino dos Céus! Ninguém pode sozinho, isto é, pelas suas forças, entrar no reino dos Céus. É impossível.

Ora isto não é uma tragédia, mas é antes a *Boa Notícia*: aquilo que para nós é impossível, é possível para Deus. Ainda mais: Ele, o único que nos pode salvar, já o fez, já morreu por nós na Cruz, abrindo assim para nós as portas do Céu.

É curioso que no Evangelho vemos que este homem rico é uma pessoa religiosa, é um homem observante e devoto. Porque coloca ele esta questão ao Senhor? Ele já *cumpr*e tudo, mas está à procura de saber o que deve *fazer* para *alcançar* a vida eterna. Jesus, muito simplesmente, cita-lhe a segunda parte dos mandamentos da lei de

Deus. Na verdade, tudo aquilo que queremos fazer por Deus e para Deus passa por tudo aquilo que fazemos pelos outros e para os outros. Às vezes, parece que queremos amar a Deus *apesar* dos nossos irmãos, mas a fé passa *sempre* pelos outros, pelo modo como nos relacionamos, pela caridade que nos une. É esta que torna visível e eficaz a nossa fé. É no amor pelos irmãos que se manifesta o amor a Deus.

Este homem rico está preocupado com aquilo que *deve fazer*, mas ele já *cumpr*e tudo! Vive segundo a lei e exprime uma mentalidade claramente religiosa, mas isolada: «Eu, o que devo fazer?». A mentalidade meramente «religiosa», desligada de uma relação com o Pai, com o Filho e com o Espírito Santo, visível no modo como nos relacionamos com os nossos irmãos, leva-nos a querer fazer coisas para «*conquistar*» o Céu. Mas o Céu ninguém o conquista! É impossível, diz-nos Jesus Cristo. Ele mostra-nos o Caminho que é Ele próprio. A salvação, o Reino não é tanto

uma questão de fazer ou deixar de fazer, mas de vida. De que coisa depende a minha vida? De quem depende a minha vida? A quem pertença? A minha vida depende das minhas forças? Daquilo que posso ou não posso fazer? Depende da minha vontade ou é realmente um *dom de Deus que acolho?*

Se olho para a vida como sendo um dom, então compreende-se muito bem este texto. Tudo aquilo que nos amarra só às nossas forças ou à nossa vontade e nos faz esquecer que a vida é um dom, uma graça, são riquezas que nos impedem de *receber*, de *acolher* o reino dos Céus.

Quem anda à procura de se salvar a si mesmo, perder-se-á. Quem se quer salvar a si mesmo e se esquece que é de Cristo e que Cristo é a cabeça de um corpo ao qual todos pertencemos, perder-se-á.

A passagem deste domingo quer conduzir-nos à conclusão de que, mesmo que tenhamos pouco dinheiro e sejamos

economicamente pobres, podemos ser ricos do pouco que temos; falta-nos a pobreza das crianças, a pobreza dos pequeninos que sabem que nada lhes é devido, mas que tudo é dom. Somos demasiado grandes para entrar no reino dos Céus, somos todos camelos que tentam passar pelo buraco da agulha quando queremos, pelas nossas obras, conquistar a nossa entrada no reino dos Céus. Jesus é o Senhor, a quem somos chamados a amar de todo o coração. O reino de Deus é precisamente isso: amá-Lo a Ele que Se faz nosso irmão para que O possamos encontrar como um de nós, para que O possamos beijar nos nossos irmãos. Ele fez-Se o último de todos para que, amando o mais pobre dos mais pobres, o amemos a Ele e, amando-O a Ele, amemos, necessariamente, cada um dos nossos irmãos.

Amar a Deus vê-se na felicidade com que amamos os nossos irmãos. O Amor a Deus vê-se nas nossas relações.

## **Seg, 15 – SANTA TERESA DE JESUS (Memória)**

Gal 4, 22-24.26-27.31 – 5, 1 / Slm 112 (113), 1-5a.6-7 / Lc 11, 29-32

«Esta geração é uma geração perversa; pede um sinal...». (Evang.)

Os sinais que queremos são a resolução de problemas. E isso não é mau. Não devemos tirar a tábua de salvação às pessoas. Mas também devemos pedir dons espirituais: os dons do Espírito Santo, a intimidade com as pessoas da Santíssima Trindade, que as saibamos ouvir, a caridade... E, sobretudo, a nossa relação com Deus nunca pode depender das graças que Ele nos concede ou não.

## **Ter, 16 – SEMANA XXVIII DO TEMPO COMUM**

Gal 5, 1-6 / Slm 118 (119), 41.43.44-45.47-48 / Lc 11, 37-41

«Dai... de esmola o que está dentro e tudo para vós ficará limpo». (Evang.)

Que eles dessem de si mesmos, era o que Jesus dizia aos fariseus, que eles dessem do que tinham no interior, numa palavra, que amassem. Jesus diz «o que está dentro». Não é preciso dizer «tudo o que está dentro». Porque a medida do amor ao outro é aquela com que nos amamos e os fariseus amavam-se desmedidamente. O leitor dê o que está dentro de si, seja o cérebro, seja o coração.

## **Qua, 17 – SANTO INÁCIO DE ANTIOQUIA (Memória)**

Gal 5, 18-25 / Slm 1, 1-4.6 / Lc 11, 42-46

«Ai de vós...». (Evang.)

Nós lemos esta passagem e, como muitas outras, passa-nos ao lado. Mas estaremos certos que Jesus não nos diz: «ai de vós»? Talvez consideremos que são umas coisas pequeninas. Mas pode haver uma grande escondida, quero dizer, esquecida. Hoje, o leitor faça um exame de consciência por escrito. Atenção às perguntas. E amanhã continue-o.

## **Qui, 18 – S. LUCAS, EVANGELISTA (Festa)**

2 Tim 4, 2-17 / Slm 144 (145), 10-13.17-18 / Lc 10, 1-9

«Pedi ao dono da seara que mande trabalhadores...». (Evang.)

Peçamos a Deus para sentirmos necessidade de operários. Só sentindo esta necessidade é que pediremos mais trabalhadores.

O leitor reza para que haja mais vocações ao sacerdócio? Nomeadamente ao sacerdócio? Sente essa necessidade? Já viu os nossos padres com duas, três, quatro, cinco paróquias? Sacerdotes já com 80 anos a aguentar as paróquias porque o Senhor Bispo não tem mais ninguém para lá pôr? Hoje é dia de rezar pelas vocações a sacerdote diocesano.

## **Sex, 19 – SEMANA XXVIII DO TEMPO COMUM**

Ef 1, 11-14 / Slm 32 (33), 1.3-5.12-13 / Lc 12, 1-7

*«Não temais os que matam o corpo...». (Evang.)*

O que Jesus quer dizer é que a nossa salvação é muito mais importante que o corpo. Será que os cuidados que dispensamos à nossa salvação são mais do que os que proporcionamos ao nosso corpo? É que proporcionamos mesmo muitos cuidados ao nosso corpo: dormir, lavar, cremes, vestir, adereços, alimentação (de preferência apetitosa), ginástica, médico, carro. (Para alguns). Haverá proporção com o cuidado espiritual? (Já com as devidas diferenças.)

## **Sáb, 20 – SEMANA XXVIII DO TEMPO COMUM**

Ef 1, 15-23 / Slm 8, 2-3ab.4-7 / Lc 12, 8-12

*«... quem tiver blasfemado contra o Espírito Santo não será perdoado». (Evang.)*

Em Mateus 12, 22ss, um texto paralelo mas mais completo, os fariseus dizem que Jesus cura um possesso surdo e mudo pelo poder de Belzebu, o príncipe dos demónios. E Jesus diz que quem tiver blasfemado contra o Espírito Santo não terá perdão, porque Jesus curou o possesso por ação do Espírito Santo. Segue-se que os fariseus chamam Belzebu ao Espírito Santo ou, pelo menos, à força que habita Jesus. O ódio dos fariseus cegou-os. O leitor peça pelas pessoas a quem o ódio cega.

## **Dom, 21 – DOMINGO XXIX DO TEMPO COMUM – Ano B**

Is 53, 10-11 / Slm 32 (33), 4-5.18-21 / Hebr 4, 14-16 / Mc 10, 35-45

Jesus pergunta a Tiago e a João: «Que quereis que vos faça?». O que é que nós realmente *queremos* que Deus nos faça? O que é que Lhe pedimos a cada dia? Ele é o nosso Deus e Senhor e deixa-nos a cada dia a pergunta: *que queres que te faça?* A resposta a esta pergunta diz muito sobre a nossa fé.

A passagem do Evangelho para este domingo mostra-nos como Cristo constata que os seus discípulos, aqueles que são os seus amigos mais próximos, ainda não compreendem quem Ele é realmente. Até no círculo mais estreito dos seus amigos, entre aqueles que são realmente íntimos, há um modo de pensar que impede os discípulos de compreenderem quem é o Senhor. Ainda têm uma mentalidade meramente *religiosa*, que espera alguma vantagem por ser de Cristo. Jesus não é o Messias dos desejos deles, mas é o cumprimento da promessa de Deus.

Estamos depois do terceiro anúncio da Paixão. Poderíamos pensar que os discípulos já tivessem compreendido o que significa para Jesus ser o Messias, mas Tiago e João continuam a comportar-se como se Jesus não tivesse dito nada. Jesus anuncia a Paixão e eles estão preocupados

com lugares de poder e de honra. Tiago e João, em vez de escutarem o Senhor e procurarem seguir a sua vontade, querem que seja Ele quem os escuta e que seja Ele a fazer-lhes as vontades. Esta é a inversão total da relação de fé, mas não será exatamente isto que tantas vezes acontece na nossa vida, no modo como nos relacionamos com Deus?

Todos nós somos seres de desejo insaciável. Falta-nos sempre alguma coisa e queremos ir sempre mais além. Jesus quer educar este nosso desejo para que o possamos canalizar na busca da sua vontade, isto é, para que possamos pedir aquilo que Ele nos quer dar.

Ao longo do Evangelho, Jesus quer que compreendamos que somos todos cegos e que Ele é o médico que vem para nos curar. Ele espera só que O deixemos curar-nos daquilo que nos impede de O ver. Ser discípulo de Cristo é passar do modo como Tiago e João ainda se relacionam com o Senhor, pedindo-Lhe «favores», para chegarmos à fé do *cego de Jericó* que, sabendo-se diante de Cristo, grita: «*Senhor, Filho de David, tem piedade de mim*». A este, Jesus pergunta-lhe o que quer que Ele lhe faça. O cego, sabendo que

tem necessidade de ver a verdade, suplica: «Mestre, que eu veja».

Esta é a passagem que somos todos convidados a fazer ao longo da nossa vida: perceber

que aquilo que nos salva não é que o Senhor nos faça as vontades, que nos cure desta ou daquela doença, mas antes seguir a sua vontade, que é o amor.

## **Seg, 22 – SEMANA XXIX DO TEMPO COMUM**

Ef 2, 1-10 / Slm 99 (100), 2-5 / Lc 12, 13-31

*«... a vida de uma pessoa não depende da abundância dos seus bens». (Evang.)*

Jesus diz bem. Não depende da abundância, mas depende dos bens. O grupo de Jesus era ajudado por várias pessoas de boa vontade. Hoje, rezemos para toda a gente ter o nosso nível de vida. O leitor reze para que toda a gente possa ter o nível de vida do leitor. (E, depois, quem era a mulher a dias da leitora?) O facto é que não há uns com menos direitos que os outros.

## **Ter, 23 – SEMANA XXIX DO TEMPO COMUM**

Ef 2, 12-22 / Slm 84 (85), 9ab-14 / Lc 12, 35-38

*«[O seu senhor], passando diante deles, os servirá». (Evang.)*

Conheço gente que está sempre a servir, gente que está sempre a arrumar, a limpar, a ordenar. É gente que não consegue estar quieta. Depois há os «sofás». Aqueles cujo ritmo é «parados, paradinhos, parados». Estes, muitas vezes, servem no computador: escrevem, produzem. Claro que isto são exemplos extremos. Mas são exemplos extremos que eu conheço. O que interessa é servir. (E haver paz na família.) Como é que o leitor serve fora do seu trabalho?

## **Qua, 24 – SEMANA XXIX DO TEMPO COMUM**

Ef 3, 2-12 / Is 12, 2-6 / Lc 12, 39-48

*«... a quem muito foi confiado, mais se lhe pedirá». (Evang.)*

Esta frase de Jesus é uma exigência de superação, porque diz «mais se lhe pedirá». Podia lá estar escrito «ainda»: ainda

mais se lhe pedirá. E se não formos capazes? Jesus nunca põe essa hipótese, porque as parábolas têm sempre implícito que o senhor, o patrão, nunca pede mais do que o servo pode dar. Isto, para nós, é um descanso. Claro que temos a preguiça, mas também havemos de ter momentos de muito trabalho. E mais, de superação. O leitor supera-se? Jesus vai-lhe perguntar por isso.

## **Qui, 25 – SEMANA XXIX DO TEMPO COMUM**

Ef 3, 14-21 / Slm 32 (33), 1.3-5.11-12.18-19 / Lc 12, 49-53

*«... e estou ansioso até que ele se realize». (Evang.)*

Jesus está ansioso que o batismo se realize. Este seu batismo de sangue contrasta com o batismo de água de João. Depois, no Evangelho de S. João, sairá sangue e água do lado aberto pela lança. Todos nós temos as nossas horas de ansiedade e nelas devemos rezar. Deus talvez não nos tire a ansiedade. (Talvez sim, talvez não.) Mas ajuda-nos. O leitor habitue-se. Hoje, perspetive esses momentos.

## **Sex, 26 – SEMANA XXIX DO TEMPO COMUM**

Ef 4, 1-6 / Slm 23 (24), 1-6 / Lc 12, 54-59

*«... esforça-te por te entenderes com ele no caminho...». (Evang.)*

Isto começa por não acharmos que ele é que tem de se moldar a nós. Mas também não devemos entregar a nossa dignidade ao outro, como, aliás, Jesus nunca fez. Daí que precisemos de aprender quais os critérios da boa relação. Critérios que vêm no Evangelho e que é preciso assimilar. E é para essa assimilação que precisamos do Espírito Santo. Relacionarmo-nos é muito difícil. Relacionarmo-nos amando TODOS é divino e só pode vir de Deus. Da oração. Também da oração de hoje.

## **Sáb, 27 – SEMANA XXIX DO TEMPO COMUM**

Ef 4, 7-16 / Slm 121 (122), 1-5 / Lc 13, 1-9

*«Há três anos que venho procurar frutos nesta figueira e não os encontro. Deves cortá-la». (Evang.)*

Como Deus encontra frutos dentro de nós, não nos corta, mas corta tudo «o que não dá fruto» (cf. *João 15, 2*). São as oportunidades perdidas – não voltam. São faltas de amor, faltas de realização pessoal, que são faltas de amor a nós próprios e faltas na construção do Reino. Faltas que, às vezes, só conhecemos quando já é demasiado tarde. O leitor, hoje, veja o que é que está quase a não acontecer.

## **Dom, 28 – DOMINGO XXX DO TEMPO COMUM – Ano B**

Jer 31, 7-9 / Slm 125 (126), 1-6 / Hebr 5, 1-6 / Mc 10, 46-52

Na semana passada, o Evangelho falava-nos de Tiago e de João e de como eles ainda não tinham percebido quase nada daquilo que o Senhor lhes tinha ensinado. Jesus estava a dizer-lhes que tinha de ir para Jerusalém e morrer; e eles, como se não O tivessem escutado, discutiam quem entre eles era o mais importante, preocupados com os lugares mais importantes... cegos diante daquilo que Jesus lhes tinha estado a dizer.

Os milagres que Jesus faz, embora nós os achemos sempre muito interessantes, na verdade não são assim tão importantes para Jesus. Estes são sinais que indicam outra coisa: indicam o Amor de Deus por nós. As curas dos que sofrem um mal físico são para libertar, para dar a Vida Nova. A sogra

de Pedro, por exemplo, tinha uma febre que a impedia de servir. Jesus cura-a dos impedimentos, isto é, daquilo que a impedia de sair de si mesma e servir. O sinal de que ficou curada? Começou a servir.

«Que queres que faça por ti?» – pergunta Jesus ao cego. É a mesma pergunta que neste momento do Evangelho faz a cada um de nós que, tal como o cego, estamos sentados fora da estrada e somos convidados a dar a mesma resposta: «que eu veja». É este o objetivo da catequese de Jesus aos seus discípulos (e de S. Marcos ao leitor do Evangelho): levar-nos ao ponto onde se cumpre o último dos milagres, aquele definitivo – a cura da cegueira.

Este cego funciona para nós como um espelho que nos faz

ver aquilo que somos. Do cego Bartimeu conhecemos três características: é cego, está sentado, está fora do caminho. Do Evangelho sabemos que é Jesus o caminho e este homem, porque não pode ver, está sentado fora. Em termos espirituais, a cegueira é a incapacidade de ver para além de si mesmo. Significa ficar fechado nas próprias necessidades e incapaz de se meter a caminho com Jesus que o chama. A verdadeira cegueira, aquela que realmente mata, é o egoísmo de quem está fechado dentro de si mesmo e não vê nada para além dos seus desejos.

Como podemos ser curados da cegueira? Em primeiro lugar, reconhecer que não vemos os outros como são realmente, mas que os nossos medos e desconfianças nos cegam e nos impedem de os ver com o olhar do amor. A cura está na confiança. Podemos ter confiança quando temos medo de uma pessoa? Não. O egoísta não pode confiar. Só o amor nos faz confiar uns nos outros. O nosso verdadeiro vir à luz dá-se quando nos sentimos amados; então existimos como pessoas, então podemos

ver os outros, olhar para fora de nós mesmos.

O milagre que hoje nos é apresentado é aquele que os discípulos verão no fim do Evangelho, quando perceberão que Deus é amor. É percebendo este amor que podemos nascer como pessoas livres e podemos começar a ver a realidade com olhos novos. Nós somos cegos porque não conhecemos o amor e estamos impedidos de reconhecer irmãos e irmãs à nossa volta.

Para Bartimeu, filho de Timoteu, o encontro com Jesus dá-se porque se põe a gritar. Ele não espera o momento ideal para encontrar o Senhor, mas mal se apercebe de que o Senhor está próximo, grita, suplica que Ele Se aproxime. Bartimeu tem tanta confiança em Jesus que O chama pelo nome. É o único, em todo o Evangelho, que tem a coragem de dizer «Jesus».

Tenhamos todos a coragem de assumir que temos cegueiras que nos impedem de amar e que não nos podemos curar a nós mesmos, mas que só Jesus nos pode salvar. «*Jesus, Filho de David, tem misericórdia de mim*»!

## **Seg, 29 – SEMANA XXX DO TEMPO COMUM**

Ef 4, 32 – 5, 8 / Slm 1, 1-4.6 / Lc 13, 10-17

«... todos os seus adversários ficaram envergonhados...». (Evang.)

Algumas vezes, é preciso envergonharmos alguém. Não raro, uma criança. Mas também envergonhamos adultos. E que fazemos nessas alturas? Talvez devêssemos rezar por essas pessoas. (Assim que a nossa irritação passasse.) Porque envergonhar o outro tem de ser uma forma de o amar – de o fazer reparar em alguma coisa – e não uma forma de libertarmos a nossa irritação ou a nossa inconveniência. O leitor já envergonhou alguma criança? Hoje, reze por ela.

## **Ter, 30 – SEMANA XXX DO TEMPO COMUM**

Ef 5, 21-33 / Slm 127 (128), 1-5 / Lc 13, 18-21

«... é semelhante ao grão de mostarda». (Evang.)

O grão de mostarda é Jesus, a mais pequenina das sementes no Império Romano, com 70 milhões de pessoas e 300 mil soldados. Depois de morrer e desaparecer, essa semente deu doze sementes, mais Paulo, que começaram a incendiar o Império. Nós incendiámos com o nosso testemunho e a nossa palavra. Sobretudo, com o nosso testemunho, que é muito necessário. Como é que o leitor dá testemunho? A quem?

## **Qua, 31 – SEMANA XXX DO TEMPO COMUM**

Ef 6, 1-9 / Slm 144 (145), 10-14 / Lc 13, 22-30

«Afastai-vos de mim, todos os que praticais a iniquidade». (Evang.)

Uma pessoa iníqua é uma pessoa malévola, uma pessoa que causa mal a alguém. O leitor tem consciência de ter sido mau para alguém? Alguns de nós temos um bocadinho mau, ou uma faceta má, ou desnecessariamente dura ou desleixada com o outro, que, com o tempo, se transforma em maldade. Hoje, o leitor faça um exame de consciência e imponha-se uma penitência.